

RELIGIOSIDADE E ESQUIZOANÁLISE: COMUNHÃO DAS LÓGICAS DE IDENTIDADES

RELIGIOSIDAD Y ESQUIZOANÁLISIS: COMUNIÓN DE LAS LÓGICAS DE IDENTIDADES.

RELIGIOSITY AND SCHIZOANALYSIS: COMMUNION OF THE LOGICS OF IDENTITIES

OLIVEIRA FILHO, VALDINAR DA SILVA

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor Adjunto de História na Universidade Estadual do Piauí – UESPI

E-mail: valdinarfilho@cchl.uespi.br

RESUMO

Este artigo/ensaio faz parte de um retorno intelectual/autoral de publicar em forma de ensaios, pesquisas que realizo faz alguns anos, mas que também faz alguns anos que havia deixado de lado, deixado de publicar intelectualmente o ou os resultados preliminares dessas pesquisas que envolvem diversos campos dos saberes que vão desde a Literatura, a História, a Filosofia, a Psicanálise, a Linguística, a Física e tantas outras que me interessavam e tinham e têm relações inter e transversais que, aparecem entrelaçadas em movimentos ziguezagueantes aqui neste ensaio. O tema a qual dedicarei atenção nas linhas e parágrafos no percurso que como leitor (a) terão traz um “zoom” na Religiosidade e na Esquizoanálise como subjetividades/subjetivações institucionalizadas dentro e fora dos muros universitários, e, principalmente, a tese principal deste ensaio: ambas são lógicas de identidades que não só se assemelham como também uma serve de alimento para a outra, saciando-se ambas desse banquete que toda lógica de identidade põe nas mesas das casas e das apostas da busca pela diminuição insistente e recorrente das dispersões coletivas (falar para todos é falar para ninguém!). As customizações individualizadas são teleologias, que são contagiantes tal qual as convicções pessoais e institucionalizadas que cada vez mais promovem e anseiam ser a ponta das gôndolas dos supermercados das humanidades. Neste ensaio me sirvo de bricolagens na confecção do mesmo e a fonte principal, muitas vezes aqui (estou dando poderes ao privilegiar uma única fonte ou privilegiando uma mais do que outras), faz parte das minhas estratégias e táticas de alcance do artigo/ensaio que busca leitoras (as) e sentidos que se tornaram especialistas mais em ver e ouvir do que ler! Ou seja, vídeos do You tube, mas aqui ler é o “you tube” em bricolagem/transcrição.

PALAVRAS-CHAVE: : Religiosidade, Esquizoanálise, Lógicas de Identidades.

RESUMEN

Este artículo/ensayo es parte de un regreso intelectual/autoral a publicar, en forma de ensayos, investigaciones que vengo realizando desde hace algunos años, pero que también había dejado de lado, dejado de publicar intelectualmente los resultados preliminares o resultados de estos. investigaciones que involucran diferentes campos del conocimiento que van desde la Literatura, la Historia, la Filosofía, el Psicoanálisis, la Lingüística, la Física y muchos otros que me interesaron y tuvieron y tienen relaciones inter y transversales que aparecerán entrelazadas en movimientos zigzagueantes aquí en este ensayo. El tema al que dedicaré atención en las líneas y párrafos del camino que recorrerás como lector trae un “zoom” sobre Religiosidad y Esquizoanálisis como subjetividades/subjetivizaciones institucionalizadas dentro y fuera de los muros universitarios, y, principalmente, sobre la tesis principal. de este ensayo: ambas son lógicas de identidades que no sólo se parecen sino que sirven de alimento al otro, saciando ambas de este banquete que toda lógica de identidad pone en las mesas de los hogares y en las apuestas de la búsqueda del insistente y la reducción recurrente de las dispersiones colectivas (¡hablar con todos es hablar con nadie!), sino de las personalizaciones individualizadas, que son contagiosas al igual que las convicciones personales e institucionalizadas que promueven y aspiran cada vez más a ser lo más alto de los lineales en los supermercados de humanidades.

PALABRAS CLAVES: Religiosidad, Esquizoanálisis, Lógicas de Identidades.

ABSTRACT

This article/essay is part of an intellectual/authorial return to publishing in the form of essays, research that I have been carrying out for some years, but which I had also left aside for some years, stopped publishing intellectually the preliminary results of this research that involve various fields of knowledge ranging from Literature, History, Philosophy, Psychoanalysis, Linguistics, Physics and many others that interested me and had and have inter and transversal relationships that appear intertwined in zigzagging movements here in this essay. The theme to which I will dedicate my attention in the lines and paragraphs of the journey that you, as a reader, will have, brings a “zoom” in on Religiosity and Schizoanalysis as institutionalized

subjectivities/subjectivations inside and outside the university walls, and, mainly, the main thesis of this essay: both are logics of identities that not only resemble each other but also serve as food for each other, both satiating themselves with this banquet that every logic of identity puts on the tables of homes and bets on the search for the insistent and recurrent reduction of collective dispersions (speaking to everyone is speaking to no one!). Individualized customizations are teleologies, which are contagious just like the personal and institutionalized convictions that increasingly promote and yearn to be the top of the aisles of the supermarkets of the humanities. In this essay, I use DIY techniques to create it, and the main source, often here (I am empowering by privileging a single source or privileging one more than others), is part of my strategies and tactics to reach the article/essay that seeks readers and senses that have become experts in seeing and hearing rather than reading! In other words, YouTube videos, but here reading is the “You Tube” in DIY/transcription.

KEYWORDS: Religiosity, Schizoanalysis, Logics of Identities.



INTRODUÇÃO

Há uma corda bamba customizada! Em cima dela tem um e ou uns que, de cada lado dessa corda bamba tem uma mão que ampara quem estar não querendo cair: de um lado a Religiosidade e do outro a Esquizoanálise. Quem ou quê segura as pontas dessa corda bamba esticada, escancarada, exposta? As subjetividades institucionalizadas e customizadas. Se são gêmeas univetelinas não garanto, mas são do mesmo útero!

Deleuze e Guattari ainda que, ambos, pouco tenham se ocupado com o tema da religião no desenvolvimento de seu pensamento, sua compreensão da constituição da vida e suas possibilidades, bem como as revoltas de sua teoria contra os essencialismos, abrem-se a um diálogo com os estudos de religião.

A Religiosidade (aqui crenças culturais de várias matrizes) e também a Esquizoanálise são duas máquinas deformativas (tese primeira) da humanidade sublunar que funcionam como instituições de hiper-territorialização de sujeitos e de instrumentalização dessa hiper-territorialização de sujeitos nas universidades brasileiras (tese segunda). Em outras palavras, a Religiosidade e Esquizoanálise são, ao mesmo tempo, filhas dos sintomas e sofrimentos institucionalistas dos desejos de se encontrar lugares fixos no mundo para além do sublunar, de encontrar presenças em que se encontraria ao fim (das temporalidades e espacialidades históricas de ambas) harmonias que as histórias na História no sublunar não dão. Os opostos se atraem (ou nos distraem)? Ambas, são lógicas de identidades (tese terceira)!

Religiosidade e Esquizoanálise são duas agências trabalhando a comunhão das lógicas de identidades (tese quarta). A ideia deste ensaio não é, exatamente, novidade quando se pensa uma crítica às instituições, às subjetividades institucionalizadas. Então, o que há de original neste ensaio? É a comunhão, a aproximação, a possibilidade de se pautar “Religiosidade” e “Esquizoanálise” como sendo ramificações não de um rizoma, mas de uma mesma árvore! Ou seja, são hierárquicas e dominadoras (tese principal). Dito de outra forma: são promotoras fora das universidades das plantações das árvores das crenças – teleologias - que, quando dentro das universidades estiverem, serão as sementes institucionalizadas das subjetividades que os cursos de Histórias têm que saber acolher e trabalhar o currículo, a grade do semear e regar “padres, pastores e políticos”.

Não se formam mais historiadores (as) como antigamente. Será? Para onde foram os aprendizes da História? Ou, a pergunta correta seria: onde estão os historiadores? Na sala de aula do curso de História ou nas igrejas, templos e palanques? E qual o problema se por esses lugares estiverem?

Por tradição acadêmica dos séculos XX e XXI, a Esquizoanálise encontrou seu espaço a partir dos seus combates em relação à Psicanálise. Fora dessa cena, pensar a esquizoanálise em comunhão com as religiosidades, devo confessar, que desconheço tal sustentação teórico e metodológica tal qual apresento e sustentarei neste ensaio.

DESENVOLVENDO: buscando “zoom”

Há maneiras em que a convicção é inabalável em que não há espaço para dúvidas sobre a fé. Há maneiras em que se você se permitir além daquilo que está dito e raramente é só o que está dito, em geral, vem a mediação do pastor, a mediação da sua comunidade, a mediação da história, a mediação do seu percurso biográfico, a mediação do teu tipo de escolaridade ou da sua ascendência histórica. É difícil a gente imaginar alguém lendo um texto sem essas mediações.

É possível imaginar um mundo sem a existência de Deus? - Pergunta Karnal!

É possível haver uma sociedade organizada sobre valores, sobre éticas, sobre moral se não houver algo como uma força acima de todas que coordene tudo isso? Existe - insiste Karnal - sentido na nossa existência?

Essas são perguntas que os religiosos vêm fazendo há muitos séculos. Essas perguntas que animam a vida de muitas pessoas. É mais do que carnal!

Gosto da palavra “crer”, pois quando alguém diz “sei” não sabe, mas crê! A palavra religião parece fácil. Aparentemente o “eu” ou o “outro” sabem exatamente o que ambos estão falando quando, por exemplo, perguntam qual a sua religião você responderia: eu sou cristão católico ou se é cristão evangélico ou ainda se é judeu ou islâmico. Tem-se ainda uma fé pessoal, mas não frequenta nenhuma instituição ou também responde que se é ateu ou agnóstico.



Jacques Derrida (1930-2004), disse que o termo religião é, provavelmente, o mais claro e o mais obscuro de todos os conceitos humanos, por quê?

A palavra “religião” vem do verbo “religar” do latim religare é também verdade, mas Benveniste (1902-1976), essa etimologia, essa busca de uma origem do conceito através de “religar” é uma invenção cristã. Não é de fato a origem já que em Cícero (106 a.C. - 43 a. C.), já que em Agostinho (354 d.C. - 430 d.C.) encontramos o sentido de reler, de visitar e não apenas religar. É como se fosse: do sentido da história para os sentidos da história na História!

Então, quando o “eu” ou o “outro” fala em religião especificamente, ambos devem fazer referência a um contexto cristão que inventou essa palavra inexistente fora desse contexto religioso. Aqui o “criador” é o contexto histórico? - e usado em diversos sentidos em que para muitos especialistas o “eu” ou o “outro” não podem falar em religião indígena. Para muitos especialistas não se poderia falar de religião do Hinduísmo porque todos esses conceitos pertencem a um campo muito específico que diz respeito ao Ocidente, que diz respeito ao Cristianismo, particularmente, a Idade Média e a Idade Moderna.

Fé é um campo pessoal. Fé é um elemento subjetivo, é um sentimento interior, é uma convicção “minha” (tua, deles, nossa!), é algo absolutamente “meu” (tua, deles, nossa!). religião é coletiva e ela pressupõe a junção de muitos tipos de fé, de muitas pessoas que se agrupam em grandes unidades. Religiões menores ou maiores, mas não apenas a fé subjetiva de cada um e sim também, a grande questão que é a Religião.

Então, convicção pessoal é um campo customizado, é um campo interno (personalizado, adaptado, adequado, de acordo com as necessidades), muito difícil de ser demonstrado. É aquela pessoa que diz com sentimento de total veracidade para o seu mundo “eu sinto dentro de mim que existe um Deus. Eu sinto dentro de mim que existem forças superiores a mim e, em geral, eu sinto que essas forças me protegem, que essas forças dão destino e que há uma vida após a morte”. Tá aí um grande, um grande recorte para a ideia de fé.

Agora quando eu frequento uma sinagoga, quando eu frequento uma mesquita ou uma igreja ou ainda quando eu participo de um rito, quando eu entro, por exemplo, num campo de um sacramento católico, quando faço uma cerimônia judaica ou islâmica a minha fé se torna mais externa, mais social e, nesse caso, ela se torna de fato uma Religião.

É tão contemporâneo, principalmente, no século XXI, que as religiões sejam sentidas muito subjetivamente, ou seja, customização da fé ou customização das religiões. Em outras palavras, cada um pega do campo religioso e, às vezes, misturando diversas tradições aquilo que mais agrada ao seu universo ou mais diz respeito a sua convicção. Hoje é comum que a ideia de autoridade tenha diminuído bastante e a customização se torna então uma regra, algo que a pessoa cria sua própria maneira de ver, viver e trabalhar a questão religiosa (aqui já podemos ver, identificar que esse esforço de “customização” não está distante da proposta da Esquizoanálise)..

Essa vai ser uma “viagem” longa, pois de fato esse é um debate aberto e contemporâneo.

Deleuze e Guattari são interlocutores de primeiro nível, de primeira ordem para a Psicanálise, particularmente, para a extração da Psicanálise Lacaniana. E a Psicanálise é importante e decisiva para essa proposta deleuziana e guattariana em relação à Esquizoanálise. Por exemplo, Deleuze em “Diferença e Repetição”, que com esse entendimento de “Repetição” Freud só pode pensar o mundo da vida a partir de uma matriz mecanicista, de uma matriz de causalidade e dualista. Entre a mente e o corpo existiria uma espécie de abismo e essa seria a matriz dos diferentes desdobramentos que seria a matriz de um certo biologismo freudiano que não faz jus, ao que para Deleuze, é uma noção de vida própria muito importante e compatível com um certo vitalismo. Ou seja, de que a vida é talvez uma substância anterior ou com propriedades inerentes, uma substância que não deve ser reduzida a um corpo de um lado e uma mente do outro (aqui é uma referência à questão cartesiana do problema, mas também na minha opinião é mais um elo de ligação entre a proposta da Religiosidade e a Esquizoanálise como comunhão teleológicas das lógicas de identidades) - há leitores/leitoras que ao lerem este ensaio temerem estar lendo algo que é contra a palavra de Deus?

A metáfora de Deleuze-Guattari de que as experiências e a vida, assim como os discursos são rizomáticos, que se espalham e vivem em constantes segmentações não arborescentes, com estruturas meramente lineares e monocausais (Rizoma, ideia pescada na Botânica), apresenta os rizomas como que, essencialmente, sem possibilidades de se saber onde começa e onde termina. No entanto, mais uma vez minha posição opinativa, toda proposta rizomática destacada na Esquizoanálise traz em si uma proposta teleológica e se assim é, tem que ser também uma lógica de identidade.

Esquizoanálise (mais uma caixa de ferramentas que pode ajudar na compreensão de processos psíquico-social-histórico-políticos que um conjunto de conceitos, com o fito de agenciar críticas a práticas cotidianas de pesquisa e buscar saberes subterrâneos), capitalismo e esquizofrenia, psicanálise como redução da sexualidade a um sujo segredinho familiar,



rizoma, máquinas desejantes, corpos sem órgãos são conceitos – a filosofia “cria” conceitos – que encontramos nos textos de Deleuze, alguns na primeira fase de seus textos, ainda sozinho, e, na última fase de sua produção intelectual, sempre em companhia de Guattari. Ok, mas todo esse esforço acima de Deleuze/Guattari de criação sem origem, sem teleologias, sem escancaramento de alguma lógica de identidade produz cenas, atos e sessões que também, vamos nomear assim, são customizações intelectuais como constatamos nas customizações em relação a fé nas múltiplas crenças.

O que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisa, mas o acontecimento em seu devir escapa à história. A história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história (DELEUZE, 2010, p. 214). Escapa à História? Pode até ser (digamos assim!), mas facilmente ganham as salas de aulas, as calçadas das casas, as línguas das bocas e, historicamente, viram núcleos de poderes (folgueiras de vaidades que alimentas se tornam folgueiras de rivalidades intelectuais).

Um agenciamento em sua multiplicidade (a religiosidade não?) trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais (independentemente da retomada que pode ser feita dele num corpus teórico ou científico). Não se tem mais uma tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 34). Os agenciamentos pressupõem a dinâmica e os fluxos; a cientificidade e a ideologia exigem, se não observados criticamente, a obediência e a repetição.

Ora, a fé, as convicções “proféticas” (a Física não explica ela própria!), por mais que os protocolos, os regramentos, as exigências do saber científico obriga, sejamos honestos, têm paralelos com a Religiosidade ainda que se pressuponha que as retas paralelas se encontram no infinito.

Não impedir (deixar a “associação livre fluir”), não impedir no sentido de não alterar o processo; de querer assim demiúrgicamente conduzir as coisas para um lado e para o outro), e, quando acontecer alguma coisa isso prova que a coisa acontece (parece uma coisa chamada o “real” - o real que acontece independente de automatismos). Você leitor/leitora tem fé, crer, principalmente, quando você diz “sei”. Não sabe, mas, na verdade, crer.

Não se excita melhor o Inconsciente no divã (a escuta em território; a escuta na experiência; romper essa clausura. esse muro que é o consultório – aproveita-se também para ir além das paredes dos templos ou das páginas da Escritura para se ganhar a rua e as salas de aulas). O Inconsciente compromete quem se aproxima, ele suga, ele produz relação de identificação, produz relação de projeção, ele produz relação de transferência, também produz relação de discurso, de linguagens, de desejos, ele produz relação de forças. As coisas importantes não acontecem quando nós esperamos (ideia de que há um descompasso, um desencontro). Há diferenças entre transferências entre significantes e transferências a-significantes (a transferência jamais é toda significativa, há uma diferença entre a vertente do objeto e a vertente do significante).

Não há nada adquirido (seria o oposto do adquirido dado?). É uma premissa indicativa do “Eterno Retorno”? Seria uma crítica do educacionismo em Psicologia, em Psicoterapia? - de que no fundo, ambas, são uma aquisição de coisas novas que estão assim nos faltando e que daí a gente precisa dominar esse saber para mudar a nossa vida; a Etologia a serviço da esquizoanálise – da religiosidade não?). O Princípio é, obrigatoriamente, um suspeito a priori (não acredite em princípios).

A Esquizoanálise começa, num primeiro momento, com uma crítica a Saussure (1857-1913) e seu dualismo (língua fala, significante, significado), num segundo momento e seguindo adiante, a Esquizoanálise vai para a crítica do Levi-Strauss (1908-2009) - o fundamento levistraussiano da psicanálise lacaniana está sob suspeita. Vai para o dualismo Significante/Significado em Lacan e também ao dualismo foucaultiano entre “arqueologia” e “genealogia”. Então, esquizoanalíticos: não mais Saussure então quem? Chomsky? Sério?

A Esquizoanálise se alimenta de não ser uma Clínica da Representação (em paralelo a uma crítica da Filosofia da Representação, ao Platonismo. Descartes, Kant e Hegel)? - em outras palavras, será que a Esquizoanálise, desde sua emergência também não se propõe a substituição da Ontologia da Representação pela Ontologia do Sentido?

Esquizoanálise recusa os universais para alimentar os fluxos? Essa ideia e fundamentação de “fluxos” também não é uma ideia de retorno a Empiria? Um retorno ao empirismo transcendental como se define a base filosófica da Esquizoanálise. Um problemão, pois Vontade de Poder e Supremacia dos Particulares numa contemporaneidade em que se você colocar os particulares versus os particulares o que você vai ter? O Capitalismo e a Religiosidade jantando todos os particulares, os fluxos e as multiplicidades; E vontade de poder numa situação assimétrica será que isso não sanciona os poderes instituídos?



PALCOS DAS CORTINAS TELEOLÓGICAS E IDENTITÁRIAS: LÓGICAS MAIS QUE ORDINÁRIAS.

As doutrinas cristãs (não só elas!), seriam delírios da massa desamparada? Para o crente fundamentalista, que crê na suficiência das Escrituras, estas são a base de toda nossa fé e prática e que formam o conjunto de preceitos, normas e princípios que regem nossas vidas. É isso mesmo? Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra, e luz para o meu caminho (Salmos 119:105). Temos, então, Teologia e Psicanálise, mas também podemos mudar a chave e incluir as religiões afro-brasileira e suas experiências de transe, e, as religiões espíritas e a mediunidade. Quer dizer, temos tantos outros pontos de encontro, portas de entrada/saída que já foram palco, palanque e altar nas cenas das páginas em branco de artigos, ensaios, teses e falas.

O que é que é o Sistema de Crenças? O que é que é o sistema de crenças dos docentes e discentes dos cursos de História das universidades brasileiras? Ainda cremos na História?

É como a Medicina! Acredita-se, tem-se fé, há credibilidade de que se cura pessoas, cuida das pessoas e a crença delas é importante porque é importante para elas! Portanto, temos aqui um ponto de vista que assim parecido com o que os antropólogos usam para entrar numa outra cultura: aqui vale o ponto de vista desse outro. É na moeda neurótica que a gente conversa, é na língua dele que a gente se esforça para posicionar e reposicionar as questões.

Mas, mesmo assim, a partir desse exemplo da Medicina a gente vai encontrar oposições, por exemplo, àqueles que não admitem por uma leitura textual e literal das Escrituras, a transfusão de sangue! Nesse caso isso seria ofensivo e também seria uma zona de atrito com os procedimentos médicos que às vezes podem salvar uma vida contra as crenças religiosas que por vezes podem afetar ou pôr em perigo uma vida.

Então, crenças religiosas, têm o poder de pôr em perigo uma vida? Nossa! Como ensaísta aqui corro um enorme risco de perder leitores/leitoras das salas de aulas da História (dos editores da revista também?), sustentando uma questão que apresenta a possibilidade de se pensar sobre as crenças religiosas e as ameaças das mesmas como potência promotora de criar perigos à vida sublunar.

Mas a gente pode até dizer assim: até mesmo o próprio conceito de vida e a força e importância que ele tem para nós, é para nós! Têm culturas que, enfim, a vida não é um valor assim tão importante. Têm épocas que a vida não é um valor tão discutível. Então, aquela pessoa pode dizer assim: a verdadeira vida em Cristo começa depois e daí prefiro que meu filho não faça transfusão, não faça esse procedimento médico porque eu vou está assim salvando ele.

Várias experiências retratadas como mágicas, místicas, religiosas elas se assemelham muito a sintomas! Por exemplo, sintomas alucinatórios, vozes.....

Como distinguir? Que discussão seria essa? Tem uma voz falando comigo que me transmite as "leis" ou pode ser uma alucinação, pois sabemos que há determinadas crenças que assumem um perfil delirante, por exemplo, crenças anti vacina (Covid) que tem um perfil delirante. Crenças contrárias aos procedimentos de proteção à vida que tem uma dimensão delirante. Mas vamos então juntar as duas coisas.

Essas duas lógicas permeariam qualquer possibilidade de se compor com a vida. Os esquizoanalistas acreditam que qualquer modo de se viver é válido e o limite será dado por cada pessoa à própria vida, como se cada indivíduo fosse sua medida de normalidade. Ou seja, um corpo pode tudo aquilo que ele consiga suportar.

Em uma linguagem mais simples: talvez tudo possa ser feito, mas talvez algumas coisas não devam ser feitas. Uma pessoa pode adotar a forma de vida que desejar, desde que arque com as consequências, que serão tão mais pesadas quanto mais diferente for essa forma de vida comparando-se com tudo o que já está posto no mundo, porque as pessoas não toleram a diferença, e a maioria só reproduz modelos prontos e inibe a criação de novos.

Usaremos novamente o recurso do exemplo: se uma pessoa deseja confeccionar as próprias roupas, a seu gosto, usando seu ato criador, em vez de consumir as vestimentas da moda, provavelmente essa pessoa será discriminada das mais variadas formas, sutis ou não, e acabará sendo excluída de organizações e grupos de pessoas dominadas pela subjetividade maquínica (essas agências desesperadas por identidade, identidades)..

A Esquizoanálise rejeita a reprodução de modelos de como se relacionar com a vida, valoriza o ato criador, abole rótulos, classificações e verdades absolutas, e acredita que a vida só pode ser julgada pela própria vida (o que a Esquizoanálise nomeia de "a própria vida", já traz em si, a finitude teleológica que cabe. Logo, há um uma agência turística de que a viagem tem um fim facilmente identificado desde o começo). Pautada como é pela Filosofia, a perspectiva esquizoanalítica acredita, como Nietzsche, que antes de tomarmos uma decisão devemos nos perguntar: "Com essa



atitude, qual o tipo de vida que eu estarei produzindo: uma vida mais vibrante ou uma vida mais pobre?”

Metafísica pura para não dizer “Razão Pura”.

A visão esquizoanalítica de elucidação dos fatos de subjetivação não tem a intenção de se apresentar como a única detentora da verdade (nem de convencimento?), pois, para Guattari (1986), todas as abordagens, sejam dialéticas, estruturalistas ou de qualquer outra forma, são válidas, mas apenas se seus princípios de inteligibilidade não tiverem a pretensão de ser universais. “Princípio de inteligibilidade” não arrasta mais adjetivos, mais nomeações para tomar posse e se apresentar, também, como “donos dos saberes”?

Os dois planos de formação subjetiva que constituirão o si, ou seja, a subjetividade normalizadora (que formaria, através de um regime de estratificação, um corpo disciplinar e maquínico) e a subjetividade singularizadora (que criaria, através de um regime de criação um corpo pleno) seriam resultados daquilo que Guattari (1986) chama de vozes/vias.

“Vozes/vias”, ainda que singularizadoras, é uma exclusividade da Esquizoanálise?

As vozes/vias seriam produto do entrelaçamento dos equipamentos coletivos de subjetivação e forneceriam a base dos processos subjetivos das sociedades ocidentais contemporâneas. Elas nomeariam e determinariam um certo sentido da existência, favoreceriam a enunciação ou, de forma mais clara, produziram uma captura de novos modos de se compor com a vida. Seriam elas:

- 1) as vozes/vias de poder, circunscrevendo de fora os conjuntos humanos;
- 2) as vozes/vias de saber, aliciadas às pragmáticas técnicas, científicas e econômicas;
- 3) as vozes/vias de auto-referência, desenvolvendo uma subjetividade processual.

Estas seriam as mais singulares e que mais ancorariam as processualidades humanas.

Essas vozes/vias nem sempre foram assim e não serão assim para sempre, mas nos dias atuais elas podem ajudar a entender porque vivemos a copiar modelos de vida já postos, porque o capital (essa economia inflacionada presentes na Religiosidade e na Esquizoanálise), atua como modo de reterritorialização das atividades humanas, porque a aparente liberdade de pensamento propiciada pelo capitalismo esconde um domínio da subjetividade inconsciente e porque a modelização liderada pela televisão regula e manipula o gosto coletivo.

O transe é um estado alterado de consciência (só há lugar para pensar o “transe/alterado” apenas se sair numa ressonância magnética de altíssima definição?), que pode ser atingido por meio de hipnose (do próprio espelho do quarto não?), substâncias psicoativas ou escuta de músicas com batidas repetitivas (então, o metrômetro é alçado a um patamar que não só os músicos se servem?). Durante o transe, podem ocorrer diversos eventos neurofisiológicos, como anestesia, amnésia, alucinações e hipernésia (o poder da Neurociência e da ressonância e do metrômetro são poderes inquestionáveis? Fibromialgia sai em algum exame ou o diagnóstico é rapidamente alcançado?)..

A RELIGIOSIDADE E A ESQUIZONÁLISE É UM TRABALHO SOBRE O MORTO SUBLUNAR

O Outro se torna o Outro no mometo em que ele se enuncia como tal?

Se, historicamente, um fato histórico é impossível de ser resgatado, diferentemente para a Religiosidade e a Esquizoanálise os “resgates” são possíveis! A religião e os excluídos na contemporaneidade podem ser analisados pela epistemologia do transe, do êxtase e da possessão. A relação entre a fé e a força abstrata que molda a consciência da população enclausurada pode ser investigada.

Deleuze diz: O fato moderno é que já não acreditamos nesse mundo. Nem mesmo nos acontecimento que nos acontecem – amor e morte – como se nos dissessem respeito apenas pela metade (será que, por analogias, se poderia dizer também assim: verdade verdadeira e verdade mentirosa?). É o vínculo do homem com o mundo que se rompeu (a EQM - experiência quase morte ou a vida após a morte sentem laços não apartados). Por isso, é o vínculo que deve se tornar objeto de crença, ele é o impossível que só pode ser restituído pela crença. Crença neste mundo aqui, não em outro mundo.

Ora, se constroem mundos aqui a partir de outros mundos tão empíricos quanto áqueles que querem



exclusividade/essência sublunar. Perguntem as religiosidades ou a Esquizoanálise! A religiosidade e a esquizoanálise, assim como a ciência, as perguntas que propoem não precisam tanto assim de respostas, mas de tempo.

O homem está no mundo como numa situação ótica e sonora pura. Vê, sente e não sabe mais como agir. Torna-se vidente. A Crença substitui a ação, diz Deleuze: somente a crença no mundo pode religar o homem com o que ele vê e ouve. Restituir-nos a crença no mundo, eis o poder do cinema e do pensamento moderno. Cristãos e ateus em nossa universal esquizofrenia, precisamos de razões para crer nesse mundo. Há tanats razões tantas quantas um operário faz diante de um livro de História!

Acreditar no mundo é criar mundos. A crença é um princípio de conversão e transmutação. O impossível é restituído por uma crença.

O PROBLEMA DA IDENTIDADE: O CHÃO DO RIZOMA NÃO É O MESMO DA ÁRVORE?

Um dos conflitos fundacionais do pensamento de Deleuze é o que se dá em torno da identidade, antigo problema de todas as filosofias em torno do Ser. $A = A$, logo A diferente de B, impossível compatibilidade, identidades demarcadas, culturas com tipologias que exigem fronteiras rígidas, escolas que se digladiam (como se a História, a Religiosidade, a Esquizoanálise ou qualquer outro saber fosse “Harmonia Pura”), em torno de purismos doutrinários, religiões em nome de verdades inquestionáveis.

Eus sempre prontos a trabalhar com a ideia de irredutibilidade ou com mudanças a partir da crença em uma essência preestabelecida por algum princípio. Para Deleuze, no conceito de identidade no pensamento ocidental, incluindo a história da filosofia, a psicanálise, as teorias da arte etc., há uma obsessão em torno de um conceito de Eus e identidades fortes esquecendo-se que é em torno de multiplicidades e de certas despersonalizações que conseguimos fortalecer nosso mundo de ações.

Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização (eu diria customização!), quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem (DELEUZE, 2010, p. 15).

Unidade, multiplicidade; tradição e criação; dobras e linguagem; representação e estranhamento são pares que estão em textos de Deleuze, mas sem cair simplesmente em novas formas de binarismos, antes colocados em permanente tensão, conflito. A árvore impõe o ser; o rizoma fala das ligações entre. Entre as coisas não designa uma correlação localizável (o chão do Rizoma não é o mesmo da Árvore?), que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início sem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.” (DELEUZE- GUATTARI, 2009, p. 37).

Suely Rolnik enxerga relação de lógica de identidade: é possível estabelecer uma relação entre o que Deleuze e Guattari chamam esquizoanálise e alguns aspectos de sua interpretação do rizoma, e a esfera da subjetividade e das referências identitárias da cultura brasileira no Movimento Antropofágico.

Rizoma Conceito basilar daquilo que Deleuze e Guattari entendem por sistema aberto. Um sistema é aberto quando os conceitos são relacionados a circunstâncias, e não mais a essências (DELEUZE, 2010, p. 46).

Agenciamento, processo de se colocar em diálogo com a multiplicidade em própria condição do existir. É importante, por exemplo, perguntar-se como um livro funciona, não tanto o que ele significa. Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentariedades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 12).

O rizoma antecede a própria raiz, rejeita a multiplicidade “arborescente”. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p.16).

O que Deleuze-Guattari defendem é que a multiplicidade “arborescente” é uma tentativa ainda de estabelecer códigos identitários rígidos e controladores. E não defendo o Rizomático e sim, o ponho em lógica!



Boa parte dos estudos da religião a que temos acesso é baseada em uma lógica arborescente, raiz, tronco, galhos, origem, verdade original, fundamento, base, doutrina original etc. Pois bem, minha hipótese é que essa fixação no modelo árvore ocasionou, muitas vezes, a incapacidade de a teoria lidar com a identidade rizomática da vida religiosa. No rizoma, a religião espalha-se em diferentes direções, não guarda rigidamente septos nem tradições, mas está permanentemente a dialogar e interagir com as diferentes esferas, circunstâncias e banalidades do cotidiano.

CONCLUSÃO

Dá muito trabalho pensar o pensamento. Ainda que eu goste de fazê-lo, na minha opinião não preciso dar o sangue, gostar já me basta!

O que quero dizer nessa parte que nomeiam de “conclusão” que devo empregar para este ensaio?

Entender nem sempre é aceitar! Faz um bom tempo em que deixei de ser um Homo Academicus. Não me identificando mais tanto com esse universo em redução dos intelectuais restritos às discussões acadêmicas (os muros ou revistas universitárias não deveriam ter esse poder gigante de único locus de produção da Verade).

Como é possível acreditar pela metade ou acreditar em coisas contraditórias?

As crianças acreditam ao mesmo tempo que Papai Noel lhes traz brinquedos pela chaminé e que esses brinquedos são colocados lá pelos seus pais! Acreditar quer dizer tantas coisas...

Há uma boa razão para um historiador antigo tão raramente nos permita saber se distingue fontes primárias e informações secundárias: um historiador antigo não cita suas fontes ou faz isso raramente, irregularmente ou nunca pelas mesmas razões que nos levam a citá-las. Ora, se procurarmos o que este silêncio implica e se seguirmos o fio das consequências, todo o tecido aparecerá: veremos que, em comum com aquela que nós conhecemos a história só tinha o nome.

Um historiador antigo não coloca “notas de rodapé”. Quer faça pesquisas originais ou trabalhe de segunda mão, ele quer que se acredite em sua palavra. O “manto da academia” só é para ou surge para muitos, geralmente e atualmente, quando o que produzem debaixo de “manto da academia” nada ou muito pouco de originalidade de etams, de problemas, de pesquisas, de métodos e, para mim infelizmente, constato e é sinônimo (o manto acadêmico), de local exclusivo das folgueiras das vaidades que são também as folgueiras das rivalidades (intelectuais e pessoais: não se ataca mais os argumentos, massacra-se o argumentador, “mata-se” o mensageiro!).

Se um historiador moderno desse para ler, à comunidade científica, fatos ou lendas nos quais ele mesmo pouco acredita, atentaria contra a probidade da ciência. Os historiadores antigos têm, senão uma ideia diferente da probidade, pelo menos leitores diferentes, que não são profissionais e que formam um público tão heterogêneo quanto o de um jornal.

Os historiadores modernos propõem uma interpretação dos fatos e fornecem aos seus leitores os meios de verificar a informação e de formular para eles uma outra interpretação. Os historiadores antigos, por sua vez, verificam por sua conta e não deixam essa preocupação a seu leitor: tal é o seu ofício. Distinguiam muito bem, apesar de tudo o que se diz, a fonte primária (testemunho visual ou na sua falta, a tradição) e as fontes de segunda mão, mas guardavam para si esses detalhes. Pois seu leitor não era ele mesmo historiador, não mais do que os leitores de jornais são jornalistas: uns e outros confiam no profissional.

Revisitar as pesquisas e voltar a publicar intelectualmente é uma exaustão, principalmente, quando tem que ser escritor e editor do texto (é um saco!). Como também exigir de si uma performance operacional e gerenciamento de resultados que devem, obrigatoriamente, citar, apresentar as referências e tantos outros protocolos intelectuais que, honestamente, o que se tem encontrado nas publicações acadêmicas é a presença mais de editores do que de escritores de texto. Estes últimos estão ficando cada vez mais raros, enquanto os editores estão cada vez mais caros!

Enfim, o que encontraram (pela forma que quis colocar e ou pela presença ou ausência) em termos de formatação, citações. Notas de rodapé e referências não os agrardará, mas entendo que não é uma condição impeditiva e punitiva para que este ensaio possa ser publicado. O que espero, além da possibilidade de ver este ensaio publicado, é que quem o lê e, através da leitura e da própria sensibilidade que não é só intelectual, mas também humana, procure, tenha a curiosidade o trabalho de buscar, tal eu fiz, quais fontes bebidas foram para este ensaio pedir passagem a Revista Mnemosine! Sejam curiosos e esforçados, sejam bereanos!



REFERÊNCIAS

BENTES, Ivana. Transe, crença e povo. In: **Grupo de Pesquisa Semióticas e Culturas da Comunicação - GPESC**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gpesc/?p=130>. Acesso em 20/10/2024.

BAND, Jornal da. Como as religiões lidam com a figura do Diabo. In: **Band Jornalismo**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HnDDzJ2Fb_o&list=LL&index=4&t=3s&pp=gAQBiAQB. Acesso em 05/10/2024.

CASSIANO, Marcela; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a Esquizeoanálise. In: **Psicologia & Sociedade**. Recife-PE, vol.25, nº 02, ago. de 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dgLDtXKSqS85RSQSJpRrZP/>. Acesso em 13/09/2024.

COSTA, Márcio. Produção social e desejante. In: **Canal da imanência**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ImLDfhR-Nkw&list=PLMKLNcuJSFq6KDgXFYfjkkP8ACc9jNr0F>. Acesso em: 02/07/2024.

DUNKER, Cristian. Contribuições de Deleuze e Guattari na psicanálise? In: **Falando nisso**, nº 142. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O3Aqwe6TAjg&pp=ygUVZHVua2VyIGVzcXVpem9hbmFsaXNI>. Acesso em 11/08/2024.

_____. Nietzsche e psicanálise. In: **Falando nisso**, nº 206. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5zey0aOXWc&t=222s&pp=ygUVZHVua2VyIGVzcXVpem9hbmFsaXNI>. Acesso em 15/08/2024.

_____. Qual é o papel da culpa na religião?. In: **Falando nisso**, nº 395. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiTMVuZelnc&list=LL&index=11&t=623s&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 30/08/2024.

_____. E a Esquizeoanálise?. In: **Falando nisso**, nº 192. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJP5P77XJuE&t=840s&pp=ygUOZXNxdWI6b2FuYWxpc2U%3D>. Acesso em 02/07/2024.

FUGANTI, Luiz. **O inconsciente maquínico**. In: <https://www.escolanomade.org/2022/11/09/o-inconsciente-maquinico/>. Acesso em 15/10/2024.

_____. **O que é Esquizeoanálise?** In: <https://www.youtube.com/watch?v=iJeMOSK0wLM&list=LL&index=10&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 10/10/2024.

_____. **50 anos de O Anti-Édipo**: uma máquina de demolição do sujeito. In: <https://www.youtube.com/watch?v=C2lCcal1UMY&list=PLW8QWgN9uwpvpoHEpOmGTvZjMjEBE3bSM>. Acesso em 12/12/2024.

_____. **Curso de introdução à Esquizeoanálise**. In: <https://www.youtube.com/watch?v=U5TPKLEv6zo&list=PL4gR2sJP8g-wZ6Db2J5-0Y2DmKb6PIIGI>. Acesso em 10/09/2024.

GUATTARI, Félix. Entrevista sobre o *Anti-Édipo* (1987). In: **Clinicand**: psicanálise e esquizeoanálise. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5FKlImInH0&pp=ygUPZHVua2VyIGd1YXRhcnJp>. Acesso em 02/08/2024.

GLEISER, Marcelo; ALVES, Rubem. Deus e a vida após a morte. In: **Território Conhecimento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EgbUh99NWFo&list=LL&index=14&t=200s&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 15/07/2024.

HUR, Domenico. **Esquizeoanálise**: introdução, histórico e instituições. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5fISg7mRmM&list=PLxPPdzHo6mSJfRQTV0j-wylbXIDx9tEK>. Acesso em 11/07/2024.



KARNAL, Leandro. Religião: em busca de sentido. In: **Prazer, Karnal** (Série Religião nº 01). <https://www.youtube.com/watch?v=CztqsoWZOQU&list=LL&index=3&t=390s&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 20/06/2024.

LUCAS, Kleber. A demonização das religiões africanas. In: **Cortes do Flow**, nº 304. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXT0pu3ccw0&list=LL&index=5&t=219s&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 08/07/2024.

LAURO, Rafael; TRINDADE, Rafael. **Esquizoanálise:** capitalismo e esquizofrenia. In: <https://razaoinadequada.com/filosofos/deleuze/esquizoanalise/#:~:text=A%20esquizoan%C3%A1lise%20se%20regula%20por,encontra%20afastado%20do%20que%20pode>. Acesso em 12/09/2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Como o tempo influencia a vida humana?. In: **Casa do saber**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D5NPWfA5LT4&list=LL&index=7&t=824s&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 02/07/2024.

PERES, Rodrigo Sanches; BORSONELLO, Elizabete Cristina; PERES, Wilian Siqueira. A Esquizoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá-PR, vol. 05, nº 01, mar. de 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LTkCQWWnYQH5ChXMjgGBX7D/>. Acesso em 12/09/2024.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e Antropofagia. In: **Núcleo de Estudos da Subjetividade: Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP**. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Antropesquizoan.pdf>. Acesso em 29/08/2024.

SANTOS, Anderson dos. **O inconsciente maquínico e a revolução molecular:** por Félix Guattari. In: <https://clinicand.com.br/o-inconsciente-maquinico-e-a-revolucao-molecular/>. Acesso em 10/09/2024.

SIMÕES, Alexandre. **Paranoia e esquizofrenia.** In: <https://www.youtube.com/watch?v=MRvRVP2x9W4&list=LL&index=1&t=2s&pp=gAQBiAQB>. Acesso em 25/06/2024.

ULPIANO, Cláudio. Deleuze e Guatarri (Esquizoanálise) X Freud e Lacan (Psicanálise). In: **Clinicand: psicanálise e esquizoanálise.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NNMjVHU7Gog&pp=ygUVZHVua2VyIGVzcXVpem9hbmFsaXNl>. Acesso em 08/08/2024.

